



Democratizar a escola através do currículo: em busca de uma nova utopia...

José Carlos Morgado
Universidade do Minho

jmorgado@ie.uminho.pt

Questões estruturantes:

- 1) Porque se torna necessário democratizar a escola? Então, a escola atual não é, ainda, uma escola para todos? A quem serve, afinal, a escola?
- 2) Será que os investimentos e as melhorias conseguidas no terreno da educação não contribuíram para alargar o sentido e a profundidade da democracia? Porquê democratizar a escola a através do currículo?
- 3) A que nos referimos quando falamos de currículo? Qual a sua importância em termos de ensino-aprendizagem?
- 4) Porque se fala de Currículo como uma questão essencialmente política?
- 5) Porque é que é necessária uma nova utopia? A que nos referimos?

Eixos de análise:

(1) A vertigem da mudança e seus reflexos na educação

(2) A necessidade de (re)democratizar a escola

(3) No trilho de um currículo democrático

(4) As recentes mudanças curriculares em Portugal



(1) A vertigem da mudança e seus reflexos na educação

- ☞ **O enorme progresso científico e a intensa revolução tecnológica**
- ☞ **O denominador comum das políticas educativas a nível internacional e transnacional estar a ser dominado por ideais neoliberalais** (Castells, 2000)
- ☞ **Passagem de uma ordem estável e previsível, fundada no uso da razão e no respeito pela verdade transmissível, para um tempo pejado de mudanças e incertezas resultante do protagonismo que assumiu a internacionalização da produção, como a globalização dos mercados**
- ☞ **Tendência de focalizar tudo no curto prazo, no “aqui e agora”** (Innerarity, 2009)

Tiranía da inevitabilidade



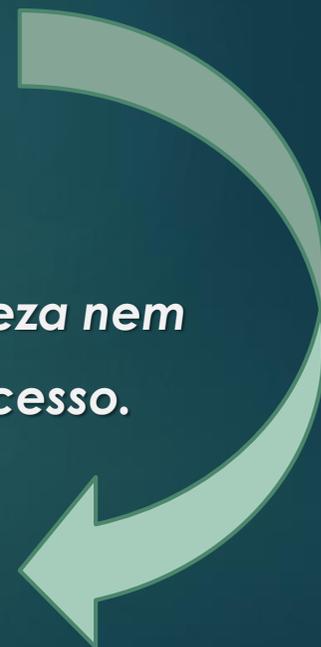
(2) A necessidade de (re)democratizar a escola

☞ **Inadequação do sistema educativo**

“As promessas de que mais escola traria mais desenvolvimento, mais igualdade e maior mobilidade social não se confirmaram” (Soeiro, 2008).

O acesso à escola, por si só, não consegue romper o ciclo vicioso da pobreza nem da desigualdade porque não garante a todos as mesmas condições de sucesso.

A escola massificou-se sem se democratizar
(Soeiro, 2008).





A escola fabrica várias formas de exclusão. Não deixa entrar os que estão fora e esse é o problema do acesso. Põe fora os que estão dentro – e aí estamos perante o drama do insucesso escolar e do abandono. Exclui incluindo – a forma escolar é em si uniformizadora e adversa à diversidade. E, num certo sentido, a inclusão na escola deixou de fazer sentido, porque é difícil perceber para que é que precisamos de lá estar. A cada um destes problemas – o acesso, o sucesso, a diversidade dos públicos escolares e o sentido do trabalho escolar – nós só podemos responder com uma escolha: mais e melhor democracia.

(Soeiro, 2008).

(3) No trilho de um currículo democrático

A noção de democracia é constantemente invocada como princípio inviolável mas raramente concretizada como prática social ou cultural (Goodman, 2001).

O currículo escolar tem-se circunscrito mais ao desenvolvimento de destrezas básicas – leitura, escrita, aritmética –, adiando a possibilidade de muitas escolas se transformarem em lugares onde os estudantes aprendam a perguntar, a observar, a explorar criticamente e a desenvolver a curiosidade sobre o mundo em que vivem...



É necessário idealizar uma educação consubstanciada por um ensino “centrado na condição humana” (Morin, 2001) e perfilhar uma concepção de currículo substancialmente diferente da que tem imperado nos sistemas de ensino

(4) Algumas mudanças curriculares em Portugal

- ☞ *Eliminação da área/disciplina de Formação Cívica nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e no 10º ano de escolaridade.***
- ☞ *Não desviar a atenção dos elementos essenciais – os conteúdos.***
- ☞ *Centrar o currículo nos “conhecimentos fundamentais” e reforçar “a aprendizagem nas disciplinas essenciais”.***
- ☞ *Conferir maior rigor à avaliação através da introdução de exames nacionais no final do 4º, 6º e 9º ano de escolaridade.***

Despacho nº 17169/2011, ME, de 12 de dezembro
Decreto-Lei nº 139/2012, de 5 de julho
Decreto-Lei nº 137/2012, de 2 de julho.

(5) Desafios políticos, pedagógicos e curriculares

- *Transformar a Educação num desígnio nacional*
- *Adotar um novo conceito de currículo*
- *Desalienar o trabalho escolar ⇒ pensar a escola a partir do não escolar*
(Canário, 2005)
- *Diluir o clima de desconfiança entre o ME e os professores*
- *Mudar as práticas curriculares na escola*
- *Resistir e/ou contrariar a tirania da inevitabilidade*

Referências bibliográficas

CANÁRIO, R. (2005). *O que é a Escola? Um “olhar” sociológico*. Porto: Porto Editora.

CASTELLS, M. (2000). *La era de la información: la sociedad red* (Vol. I). Madrid: Alianza.

GOODMAN, J. (2001). *La educación democrática en la escuela*. Sevilla: M.C.E.P.

HARGEAVES, A. & FINK, D. (2007). *Liderança Sustentável*. Porto: Porto Editora.

INNERARITY, D. (2009). *El futuro y sus enemigos*. Barcelona: Paidós.

MORGADO, J. C. (2006). Globalização e (re)organização do Ensino Superior: perplexidades e desafios. *Perspectiva*, 24 (1), 205-228.

MORIN, E. (2001). *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. Barcelona: Paidós.

MUÑOZ, J. E. (2006). La construcción de un currículo democrático y la cultura de colaboración del profesorado. *Revista Cuatrimestral del Consejo Escolar del Estado*. nº 3, 12-17.

PERRENOUD, Ph. (2002). *A escola e a aprendizagem da democracia*. Porto: Asa.

SOEIRO, J. (2008). A defesa da escola pública e democrática: intervenção na sessão parlamentar de comemoração do 25 de Abril. In <http://beparlamento.esquerda.net>. (acesso em 10.07.2012).